

## PROJETO INTERDISCIPLINAR – 3º TRIMESTRE – 7º ANO

**Componentes Curriculares:** Língua Portuguesa, História, Geografia

**Leituras obrigatórias:** *Persépolis*, Marjane Satrapi; *A vida que ninguém vê*, Eliane Brum, *A metamorfose*, de Franz Kafka

O projeto interdisciplinar de estudos do 3º trimestre envolveu, de diferentes formas, os componentes curriculares de Língua Portuguesa, Geografia e História. Partimos da temática mais ampla, “O que pode um corpo?” - projeto que abrange todos os componentes curriculares do 7º ano, desde o 2º trimestre -, para, na etapa final de sua realização, discutirmos com os estudantes o tema da alteridade - ou seja, pensar a existência do outro, daquele que é diferente de nós, subjetiva ou coletivamente.

Nesse sentido, as leituras obrigatórias envolvidas na realização do projeto foram as obras: *A vida que ninguém vê*, de Eliane Brum, *Persépolis*<sup>1</sup>, de Marjane Satrapi e *A metamorfose*, de Franz Kafka. Os três livros propõem, de modo complexo, o tema da existência, entre aparecimento e desaparecimento do sujeito (individual e social); assim como permitem a exploração de temáticas humanas, caras aos valores de nossa escola e que se colocam em consonância com as diretrizes estipuladas pela BNCC (Base Nacional Curricular Comum): temas como amizade, solidão, abandono, tristeza, amor, sensibilidade, diferença, entre tantos outros.

Os livros que encabeçam nossos projetos de estudos, ao longo de todo o ano e, mais especificamente, neste trimestre, são escolhidos conforme uma série de critérios pedagógicos e artístico-literários, critérios esses definidos por meio da BNCC, assim como daquilo que emerge nas interações educativas do cotidiano da sala de aula. Conforme o linguista Luiz Percival Leme Britto, o papel do ensino da Língua Portuguesa é o de dar acesso à escrita e aos discursos que se organizam a partir dela, em sua multiplicidade. A seleção das leituras, nesse sentido, necessita ser ampla o suficiente, a fim de proporcionar o acesso a multiplicidades de outros discursos (textuais, imagéticos) que dela possam emergir.

---

<sup>1</sup> A obra foi solicitada em 10 de setembro de 2018 e estava disponível na loja Top Sul, da escola, a partir do dia 19 de setembro.

É de extrema importância que a escolha do livro literário, que acompanhará os estudantes ao longo de um trimestre, se constitua como um **espaço** – um campo aberto que possibilite discussões impensadas, que façam parte da vida que compartilhamos neste mundo, mas que ampliem sentidos em direção a “mundos desconhecidos” (SKLIAR, 2014), mundos por vir ou, do ponto de vista de filósofos da linguagem como Deleuze e Guattari (2010), mundos “devir”.

Na contemporaneidade, quando buscamos, cada vez mais, destacar na Educação (e a BNCC é um exemplo disso) a importância de outras histórias, estas menos eurocêntricas, é necessário que estejamos abertos a conhecermos esses “mundos desconhecidos” através dos livros, caso contrário estaremos negando ao estudante uma parte da memória, pois “o livro não é destruído como objeto físico e sim como vínculo de memória” (BÁEZ, 2006). O autor ainda complementa que “esse vínculo poderoso entre livro e memória faz com que um texto deva ser visto como peça-chave do patrimônio cultural de uma sociedade e, certamente de toda humanidade”.

Para o primeiro livro, *A vida que ninguém vê*, de Eliane Brum, realizamos a leitura, o estudo e a produção de crônicas sobre a vida dos funcionários do Colégio - crônicas e fotografias expostas na Mostra Cultural de 2018.<sup>2</sup> A obra de Franz Kafka corroborou para este trabalho, visto que se erige como um clássico da literatura ocidental e põe em questionamento, justamente, os temas da existência, das invisibilidades, da solidão, por meio da construção de uma alegoria que está para além dos recursos metafóricos. As duas obras, junto a *Persépolis*, biografia em quadrinhos de Marjane Satrapi, se constituíram como uma tríade literária de altíssima qualidade e valor, justamente por produzirem, pela arte da palavra, questionamentos, provocações e um caleidoscópio de possibilidades de fazer o mais importante em educação: dar tempo e viver o tempo do pensar.

Um dos objetivos na escolha das leituras obrigatórias e, aqui, falamos especificamente do livro *Persépolis*<sup>3</sup>, é o de poder fazê-la fruir de várias formas. Trata-la

---

<sup>2</sup> Os textos produzidos pelos estudantes serão enviados para a autora, que já disponibilizou o seu e-mail para o recebimento dos mesmos e parte destes textos já podem ser lidos no blog do Colégio, *Conta, Zilah*.

<sup>3</sup> A obra *Persépolis*, de Marjane Satrapi, foi lançada no ano 2000, tendo a sua primeira tradução para o português em 2007. Entretanto, antes mesmo de sua estreia, no Brasil, o livro já havia vencido algumas premiações internacionais: *ALA Alex Award 2004*, *Booklist Editor's Choice for Young Adults*, *New York Public Library Books for the Teen Age*, *School Library Journal Adult Books for Young Adults*, *YALSA Best*

didaticamente (categorizando-a, por exemplo, como livro sobre drogas, livro sobre sexo, livro sobre uma menina “errada” ou de “valores errados” em nossa cultura) seria perder a potência criativa que só a arte – e a literatura como arte da palavra – podem proporcionar. Um livro de reconhecida qualidade literária e artística, como *Persépolis*, não permite categorizações rasas ou rápidas acerca dos múltiplos temas que dele despontam. Descontextualizá-lo, recortando suas imagens, produz, exatamente o anti pensamento. Ao contrário, o livro expõe uma trama complexa e feita de nuances, não somente em torno da construção de uma biografia (a exemplo de *Graphic Novels* como *No coração da Tempestade*, de Will Eisner ou mesmo *Mauss*, de Art Spiegelman), mas também trata com acuidade fatos históricos que ocupam, ainda, nosso amplo presente.

A obra também está embasada pela BNCC, ao alinhar-se com a área das Ciências Humanas, a partir do objeto de conhecimento “O papel da mulher na Grécia e em Roma, e no período medieval” e com a habilidade (EF06HI19) “descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais”. Inclusive, em uma sugestão de possibilidades para o currículo, entendida como complementar à base, afirma-se que “é possível considerar expandir as aprendizagens relativas a considerar mulheres nas diversas sociedades, para além da europeia, à situação da mulher hoje no Brasil e em outras sociedades contemporâneas em âmbitos diversos: direitos políticos, acesso à educação e saúde, autonomia de decisão, profissão etc”.<sup>4</sup>

O componente curricular de História pode e deve fazer uso de elementos literários para a compreensão de contextos históricos, para além da sensibilização do olhar ao outro, ao diferente. *Persépolis* é uma obra rica, desta forma, por permitir que os estudantes transitem entre Irã, Oriente, Europa, América e Brasil, a partir do estabelecimento de relações entre estes locais, suas histórias e a compreensão do que é ser crianças, adolescentes e mulher para cada uma dessas civilizações, ao longo do tempo.

---

*Books for Young Adults*. É importante salientar os títulos de alguns desses prêmios, quando traduzidos, “adolescentes” e “jovens adultos”. Além disso, a obra também foi escolhida, pelo jornal britânico The Times, como o segundo melhor livro dos anos 2000, de uma lista de 100 obras, conforme o site: <https://thegreatestbooks.org/lists/38>

<sup>4</sup> <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>

É com este olhar que a prova do ENEM de 2016 produziu uma questão a partir da *graphic novel* Persépolis, na área de Ciência Humanas e suas Tecnologias. Compreendemos que a prova não deve ser o objetivo de estudantes do sétimo ano, entretanto, ela aponta para uma das várias potências que urgem por discussão presentes na obra: a compreensão histórica a partir de uma obra autobiográfica.

Junto ao que nos propõe os estudos linguísticos contemporâneos, o papel do ensino da Língua Portuguesa é o de provocar a linguagem e os discursos que se organizam a partir dela, enfrentando “os perigos de nosso tempo”, como nos ensina o filósofo Michel Foucault. No estudo da língua, do ponto de vista interacional e, aqui, referimo-nos ao extenso trabalho de Mikhail Bakhtin em *A Estética da Criação Verbal* (2013) (texto base na construção de livros didáticos como Araribá Plus, adotado em nossa escola), os gêneros discursivos associados às práticas humanas que lhe produzem são a chave para o trabalho com a língua e a linguagem. Nesse campo, não há censura ou medo do enfrentamento das palavras (e dos mundos incertos aos quais ela, a linguagem, nos exige); mas há, sim, abertura para que a educação se cumpra: aberta a divergências; provocativa, pois dá a ver diferentes opiniões e pontos de vista sobre aquilo que a constitui; múltipla, pois não submissa a categorizações primárias da complexidade que lhe é inerente.

A narrativa biográfica tem a capacidade de expor apenas um modo de narrar o vivido, colocando-se ao lado de muitas outras maneiras de pensar e problematizar um mesmo tema – uma “mesma” história, que já não será mais “mesmidade”, justamente porque concorre com outras narrativas, ou ainda, com sua própria multiplicação. A biografia em quadrinhos, de Marjane Satrapi, põe à mostra uma narrativa alternativa, qual seja, o ponto de vista de uma criança iraniana e, posteriormente, de uma adolescente e de uma mulher sob a experiência de transição entre um regime político e um regime fundamentalista religioso – temas que são distantes, quase desconhecidos e cercados de informações equivocadas, do ponto de vista ocidental.

Entendemos, nesse sentido, a necessidade de dar a ver mundos que escapam, mundos que não sejam aqueles já afirmados e facilmente reconhecíveis aos estudantes. *Persépolis* não carrega “a verdade” sobre o que quer se seja, mas é disruptivo a certos estereótipos e definições pré-estabelecidas sobre o mundo árabe. Os temas que dele

surtem não são impostos ao leitor, pelo contrário, são postos à mostra para que possa haver discussão.

Estas questões também justificam a escolha da obra como leitura obrigatória para o componente curricular de História, ao explorar questões relativas ao mundo árabe e aos costumes islâmicos (vide a própria introdução do livro, que já explicita este aspecto), dois conteúdos presentes no referencial do Colégio ou plano de estudos, para o sétimo ano. Além disso, ao longo dos capítulos, são abordadas diversas questões históricas, que dizem respeito ao contexto iraniano (em alguns casos, mundial), como a Revolução Iraniana, a Guerra entre Irã e Iraque, a ocidentalização ou crítica a ela por países teocráticos islâmicos, entre outras.

Partimos da ideia de que a questão principal na hora de escolher uma leitura para nossos estudantes não é apenas o tema em si, mas a forma com que esse tema é trabalhado, orientado, mediado por profissionais especialistas nos assuntos – neste caso, professores Mestres e Doutores em História, Educação e Linguística Aplicada. É a partir disso que existirá (ou não) riqueza na produção de múltiplos pensamentos, sobre os mais variados assuntos. Não acreditamos em temas proibidos, mas maneiras mais ou menos inteligentes e críticas de tratar as temáticas. Os estudantes não vivem isolados do que acontece no mundo, ao contrário, dele não só fazem parte como ajudam a construí-lo e agem, por meio da linguagem, nessa trama construtiva; portanto precisam estar preparados para elaborar um pensamento crítico sobre a vida política, social e cultural que ajudam a formular. Foucault afirma que tudo aquilo que se torna tabu, que é expressamente proibido, é justamente aquilo sobre o qual se deseja falar. A escola tem o papel essencial de tirar o caráter de tabu e normalizar o debate; limpar a “tela” de seus clichês, antes que o pintor realize seu trabalho (Deleuze; Guattari, 2010). Se a escola não for o espaço para discutir e pensar sobre os mais diversos assuntos, com mediadores preparados e materiais artísticos que ponham o pensamento em movimento, então que espaço as crianças e adolescentes terão para isso?

Tanto o filme quanto a *graphic novel Persépolis* têm uma classificação indicativa de 12 anos, considerados, portanto, apropriados para os alunos do sétimo ano. O livro, inclusive, consta como uma das dez melhores obras infantis dos últimos cinquenta anos, junto a obras como *O meu pé de laranja lima*, *A lagartinha muito comilona*, entre outros.

Esta lista foi desenvolvida por Ana Margarida Ramos, pesquisadora da área da literatura para infância e juventude e professora do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro; Dora Batalim SottoMayor, Coordenadora Pedagógica da Pós Graduação em Livro Infantil da Universidade Católica de Lisboa, entre outros autores e ilustradoras.<sup>5</sup> Estes dados corroboram a riqueza presente na obra de Marjane, sendo reconhecida, inclusive por educadores e autores brasileiros e de fora do Brasil.

Grande parte da história da obra se passa durante a infância e a adolescência de uma menina, que narra sua vida em primeira pessoa, criando uma espécie de auto-ficção. Esse formato e a linguagem da história permitem que os estudantes pensem sobre si mesmos, sobre como podem narrar as suas próprias vidas. Além disso, os singelos dramas infantis e adolescentes pelos quais a narradora passa (brigas com colegas de aula, relação com a família, primeiros namorados etc) podem aproximar os estudantes de um personagem que apresenta inúmeras diferenças culturais, que viveu algo completamente diferente do que eles conhecem, abrindo espaço para muito aprendizado e empatia.

Por se tratar de uma biografia, a história abrange uma série de subtemas que acompanham a temática principal: a experiência de viver em um regime fundamentalista religioso em um país do Oriente. Ou seja, a presença de um personagem como Marx, por exemplo, não faz de *Persépolis* um livro marxista (especialmente, porque uma de suas primeiras menções foi feita ainda na infância da personagem, quando Marjane acreditava ser uma profeta e conversar com Alá, além do próprio Marx); ou uma cena em que há relações sexuais entre os personagens, não faz da *graphic novel* uma história sobre sexo (muito pelo contrário, possibilita, inclusive a abordagem da puberdade pela disciplina de Ciências, conforme sugere o site da Secretaria da Educação do Paraná<sup>6</sup> e conforme consta no trabalho realizado pelo serviço de orientação educacional de nossa escola, que tem abordado os mesmos temas ao longo de todo o ano); da mesma forma, a presença do consumo de drogas não torna o livro uma narrativa de apologia ao uso de drogas (pois se constitui, na diegese da obra, inclusive, como algo que faz com que a personagem adoça e aprenda que fumar pode ter colocado sua vida em grande risco).

---

<sup>5</sup> <http://www.revistaestante.fnac.pt/os-10-melhores-livros-infantis-dos-ultimos-50-anos/>

<sup>6</sup> <http://www.biologia.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=17820>

Destacamos, mais uma vez, que nenhum desses temas é central na obra. Somente um leitor desavisado, que descontextualize tanto o projeto educativo elaborado pelo corpo de professores, quanto o planejamento do ano, assim como a própria obra, incorreria em tamanho reducionismo.

O livro foi escolhido exatamente porque traz uma produção de pensamento crítico sobre cada uma dessas temáticas, sem tons moralizantes, que diminuam a importância de debatermos “os perigos de nosso tempo” - tema chave nos debates filosóficos contemporâneos em Educação. Precisamos tomar cuidado ao tirarmos as coisas de contexto. É justamente o contexto que as torna apropriadas ou não.

Nesse sentido, cabe ressaltar que a contextualização foi realizada pelos três componentes curriculares<sup>7</sup>, tanto em suas salas de aula, como em uma aula interdisciplinar, com a duração de dois períodos, na qual os estudantes tiveram a oportunidade de ouvir e debater com professores e colegas do sétimo ano sobre *Persépolis* e seu contexto histórico e geográfico. Nesse encontro, realizado em 14 de novembro de 2018, os três componentes curriculares reuniram uma série de materiais do livro, bem como texto original de Aiatolá Khomeini, *O livro verde*, para a realização do debate. O encontro consistiu, em grande parte, na discussão de aspectos geopolíticos e históricos emergentes da obra.

Tratar do mundo árabe é um desafio para todos aqueles que se debruçam sobre o tema e, por isso mesmo, exigiu um trabalho conjunto, em que os estudantes tinham o microfone aberto e livre para questionamentos, exposição de opiniões e discussão dos assuntos em foco. Além dos aspectos geográficos e históricos abordados nesta aula, sempre partindo da leitura de fragmentos do livro, discutiu-se, também, os conflitos entre Irã e Iraque, assim como as implicações do fundamentalismo religioso no cotidiano dos iranianos.

Em nenhum momento houve qualquer manifestação, por parte dos estudantes, de incômodos em relação aos temas abordados no livro ou à linguagem da obra - verbal

---

<sup>7</sup> Não é exclusividade dos professores do Colégio utilizarem o livro *Persépolis* (e/ou o filme produzido a partir do mesmo) como leitura obrigatória ou propostas pedagógicas interdisciplinares. Na internet, estão disponíveis algumas ideias do que pode ser produzido com os estudantes do Ensino Fundamental II, enquanto construção de saber, a partir da obra em questão. Um exemplo disso está no site que segue: <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/para-ensinar/planos-de-aula/persepolis/>

ou não verbal. Imagens e palavras construídas em *Persépolis* apenas reafirmaram debates que já têm sido realizados pelos estudantes, na mediação com todos os professores do 7º ano, no projeto “O que pode um corpo?”. Cabe destacar que nenhuma intervenção foi feita, por parte dos estudantes, acerca de temas como sexualidade, marxismo ou uso de drogas. E todos eles, nas raras vezes que surgiram da leitura da *graphic novel* no cotidiano das aulas, foram abordados com naturalidade e informação, livre de moralismos ou visões unas da história.

As análises deste documento e a narrativa construída a partir da sucessão de práticas pedagógicas somente foram possíveis porque, no ano 2000, Marjane Satrapi publicou *Persépolis*, permitindo que muitos leitores de várias regiões do globo tivessem acesso a sua história pessoal durante o regime teocrático islâmico no Irã. Enquanto os estudantes liam a obra, tantos outros textos eram esquecidos ou destruídos, em algum lugar do mundo, “deve ser perguntar quantos livros foram destruídos por não serem publicados [...] quantos livros deixados jogados na praia ou no banco de um parque chegaram ao fim. [...] o certo é que neste mesmo momento, quando você lê estas linhas, pelo menos um livro está desaparecendo para sempre”. Fernando Báez (2006), em sua obra *História universal da destruição dos livros* provoca o leitor a refletir um pouco sobre o impacto da destruição de livros em diferentes momentos históricos.